

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

21.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

SETEMBRO 23, 1837.



O FAKIR MAHOMETANO.

## OS FAKIRES DA INDIA.

TALVEZ em paiz nenhum do mundo sejam as práticas supersticiosas da idolatria mais grosseiras, repugnantes, e pertinazes do que no Indostão. Todas as classes da sociedade estão imbuidas dessas abominações, mas ninguem as segue tão notoriamente como os fakires, que por suas absurdas pretensões de sanctidade grangeiam extraordinaria influencia sobre os seus compatriotas, e que é tão notavel quanto absoluta. São reverenciados como entes d'essencia intermedia entre os humanos e a divindade: e as suas vidas são uma extravagante alternativa de penitencia, e de dissoluções.

Abundam estes impostores por todo aquelle paiz, e n'algumas partes infestam absolutamente as povoações. Pedir é a sua principal occupação; e na realidade é espantosa a enorme somma, que annualmente extorquem aos caritativos da sua crença, que julgam alcançar remissão de peccados, e preparar a boa sorte futura de suas almas, soccorrendo aquelles *sanctos* homens.

O ponto a que sobe a mendicidade na India é apenas crível; e o tom d'auctoridade, que assumem estes mendigos válidos, manifesta bem quão absoluta é a sua ascendencia sobre o animo do vulgo. Extrahem sommas immensas a titulo d'esmolos, e isto á porção do povo, que a custo adquire o necessario para subsistir. Só na provincia de Bengala se calculam em dois milhões os individuos, que vivem unicamente de pe-

dir; e suppondo que cada um não tira mais de 500 réis por semana, redunda o total na *pequena* quantia de 78 milhões de cruzados por anno! Contribuição voluntaria, que pela maior parte péza nas classes laboriosas, que são extremamente pobres.

A mendicidade tem distincto logar entre as obrigações religiosas dos povos do Indostão, e segundo as suas idéas ninguem póde alcançar o summo gráu de espirital distincção sem passar por aquella escala.

De todas as castas de fakires os mais reverenciados por suas austeridades são os jogues, que praticam penitencias severissimas e assombrosas; dilaceram as carnes a golpes; conservam-se firmes e immoveis sobre um pé só, por tempo prodigioso; expõem-se descobertos dias inteiros aos raios abrazadores do sol intenso; alguns olham fixamente para este astro de luz até ficarem cegos, &c. Estes são absolutamente mendicantes; e a gente ordinaria tem pela maior honra poder ministrar-lhe qualquer serviço. Todavia esta classe d'individuos privilegiados, a quem os mais veneram tanto, e reputam immaculados, é a cáfila mais indolente, e arrogante, e não poucas vezes a de vida mais estragada.

O fakir, que representa a nossa estampa, é Mahometano, d'aquelles hypocritas sectarios do impostor Arabe, que se ageitaram com o embustes dos Indios, para alcançarem influencia igual nos de sua crença.

Dos antigos santões se gerou uma raça de entusiastas, que não tem rival nos annaes da superstição: e são os de que tractámos. Não só pedem esmolos en-

nome do seu propheta, mas quando lh'as negam quasi as extorquem á força. Andam frequentemente em bandos; e como as auctoridades se não intromettem com elles, espoliam com perfeita impunidade os passageiros indefesos. De toda a casta de embusteiros nenhuns vivem mais escandalosamente.

Quando encetam este seu modo de vida vagueam a pé, mas logo que á custa dos fieis se acham mais abundantes, montam n'um boi, trajando os hábitos de sua vocação, que constam de pelles de carneiro com a lã para fóra. Ao pescoço trazem grandes collares em muitas voltas; e usam os cabellos compridos e soltos, á moda dos Nazarenos dos antigos Judeus. Penduram ao pescoço do boi uma campainha, que vai tinindo quando o animal anda, como os chocalhos do gado: tambem enfeitam com anneis d'osso os jarretes do boi.

Quando o fakir viaja só, geralmente recorre mais á importunidade que á violencia para obter esmola.

Não poderemos melhor concluir este artigo do que citando ácerca dos jogues, que são os penitentes mais afamados da India, as proprias palavras de um nosso antigo escriptor.

« São os seus religiosos mais apertados os jogues, a que chamaram os antigos, gymnosophistas; e eu com mais propriedade lhes chamara martyres do demonio, ou demonios vivos. Andam sempre de terra em terra, como siganos: alguns muito rotos e remendados, outros de todo sem vestidos, outros ainda com um pedaço de panno naquellas partes, em que a natureza poz maior pejo, e todo o mais corpo assim mesmo. É posto que pareça que estes cobrem alguma parte de seu corpo com vergonha, tem elles no mais mui pouca; porque em todas as coisas naturaes ao homem, onde quer que lhe dá a vontade, logo obedecem á natureza, sem terem pejo de serem vistos: dizendo, com os philosophos cynicos, que a natureza não faz coisa torpe. Andam todos cobertos de cinza desde os pés até a cabeça, olhos, e boca; e de cinza feita de bosta de vacca; esta lhe dá tambem agua, com que de quando em quando se lavam: não tem casa, nem cama, dormem ao ar sobre a terra. Não só despresam todo o mimo e delicias no comer e vestir, mas tambem fazem vida mui penitente, e tal que faz espanto e move a compaixão; porque andam alguns nús com grossas cadeias de ferro ao pescoço e ao redor de si, á maneira de cilicio; outros se enterram vivos junto dos caminhos, deixando só um respiradouro por onde caiba um canudo, porque se lhe bota na boca alguma canja, que é a agua do arroz. Outros se fazem estillitas, sobindo-se em columnas, ou madeiros, donde não descem senão mortos. Outros nos dias de maiores festas de seus pagodes se penduram de polés por uns ganchos de aço mui agudos, que mettem pelas costas nús, e estão no ar cantando com alegria versos aos idolos. Alguns destes jogues vi eu em Surrate, dos quaes um havia dez annos, que não abaixava os braços, tendo-os sempre elevados no ar, com os nervos e juntas tão hirtas, que lhe não era possivel abate-los, ainda que quizesse: as mãos tinha-as fechadas em punho, como quem dá uma figa, e tão crescidas as unhas, que dando volta pelas costas da mão, serviam de cordeis, que lh'as atavam; o cabello da cabeça lhe cobria parte da cara. Outro vi que tinha só um braço em alto. Outro não se sentava por nenhum acontecimento, quer de noite, quer de dia: o maior descanso, que tomava, era pondo os braços sobre uma corda lançada de janella a janella, emba-lançar-se de uma parte para a outra. Outros andavam carregados de buzios, e de grandes ramaes de bugalhos ao pescoço. Deu-me na curiosidade ir ver como estes jogues dos braços levantados comiam e dormiam,

e vi que certos rapazes de sua companhia lhes met-tiam o comer na boca; e chegando-se a noite lhes trouxeram os baeanes muitos saccos de bosta de vacca, com que fizeram fogo, e sentando-se á roda delles passaram a noite. »

« O credito destes jogues é grande para com os Gentios: parece-lhes a estes que são os maiores sanctos do mundo, que andam fazendo penitencia pelos peccados de todo elle, e teem mão na ira de Deus com aquellas suas mãos levantadas para o ceo. Por mais maldades, que lhes vejam fazer, tudo botam a boa parte, havendo que quem lhes fizer mal fica excomungado e perdido em alma e corpo. Cada um delles traz sua corneta, a qual tange em chegando ao povoado, para que se saiba que está alli o jogue, e lhe tragam de comer. Se, por impossivel, o jogue se escandalisar de alguma povoação lhe não acudir com o que ha mister, e rogar pragas sobre ella, em procissão irão logo todos seus moradores com quanto tiverem em casa pedir ao jogue que lhes perdoe, e revogue sua sentença, que já cuidam se executa nelles. Demais de respeitados, são os jogues muito temidos; porque se ajuntam logo dois ou tres mil para tomarem satisfação dos aggravos, que se fizeram a particulares, acodindo todos pela honra do habito. »

Todos estes jogues se prezam de saberem muita medicina, ainda que não passam de hervanarios.

### OS SINOS.

O INDAGAR a origem dos sinos e a sua historia não nos parece coisa de pequena curiosidade. Os antigos usavam delles não só para misteres prophanos, mas tambem para os sagrados. Estrabão nos diz que a hora do mercado era indicada por um sino; e Plinio refere que de roda do sepulchro de certo rei antigo da Toscana estava pendurada uma fieira de sinos. Em Roma era costume marcar a hora do banho, tocando uma sineta: os guardas nocturnos traziam-na tambem, e servia para acordar os servos nas casas dos grandes e ricos. Trazia o gado chocalhos para metter medo aos lobos, ou antes para lhes servirem de amuletos. Esta usança, que ainda hoje dura, nos faz\* recordar dos tempos antigos. Geralmente se crê que Paulino, bispo de Nola, foi o primeiro que introduziu nas igrejas o uso dos sinos, pelos annos de 400 da nossa era. Antigos historiadores nos referem que o bispo de Orleans, estando na cidade de Sens, que se achava cercada, fez fugir o exercito sitiador mandando tocar os sinos da igreja de Santo Estevão; prova evidente de que ainda neste tempo não eram geralmente conhecidos em França.

Os primeiros sinos de grande dimensão, falla delles Beda, no anno 680. Antes deste periodo em muitas partes da Europa usavam os christãos primitivos de matracas para reunir a congregação dos fieis.

As campainhas começaram provavelmente a apparecer nas procissões religiosas, e foram depois usadas pelos musicos seculares. As sinetas nem sempre se traziam nas mãos: ás vezes as tinham penduradas, e as tocavam com martellos: n'alguns manuscritos se encontra o rei David pintado no principio do livro dos Psalmos, tocando-as dessa maneira. Era costume na idade media festejar a chegada dos reis, ou pessoas distinctas, tocando os sinos das igrejas, costume que até o seculo presente se perpetuou entre nós.

Corriam-se os sinos dos mosteiros antigamente com cordas, cuja extremidade era adornada de anneis de bronze ou de prata: tocavam-nos a principio os monges, ficou depois esta incumbencia aos criados, ou aos que não podiam fazer outra coisa, como, por exemplo, os cegos.

Na igreja catholica os sinos baptizam-se e benze-se, dando-se-lhe ordinariamente o nome de algum sancto. O ritual desta cerimonia encontra-se no pontifical romano.

Cria-se d'antes que ao dobrarem os sinos pelos defunctos, quanto maior fosse o sino, tanto mais para longe fugiria o diabo. De sorte que para arredar o espirito diabolico pagavam-se grossas sommas a troco de dobrar o sino grande da cathedral quando morria qualquer pessoa.

Eis-aqui o pezo respectivo dos principaes sinos da Europa:

	<i>Libras.</i>
O da imperatriz Anna, em Moscow . . . . .	432:000
O de Boris Goniduff . . . . . dito . . . . .	288:000
Sino grande de Novogorod . . . . .	70:000
Sino d'Amboise, em Ruão . . . . .	40:000
Sino de Vienna . . . . .	30:000
Sino grande de Oxford . . . . .	18:000
Sino grande de S. Paulo de Londres . . . . .	11:000

#### ORIGENS DA TYPOGRAPHIA — TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA.

##### 2.º

(Veja-se o N.º 4 do Panorama.)

TENDO dado antecedentemente uma noticia rapida da invenção da typographia, e da sua propagação pela Europa, reservámos para um artigo especial o fallar ácerca da sua introdução e progresso em Portugal: porque depois de referir as origens deste admiravel invento, o mais curioso que ha na materia é sabermos como a arte typographica se estabeleceu no nosso paiz.

Infelizmente a historia da sua introdução em Portugal não é menos escura do que a da sua origem: entretanto poremos aqui o que sobre este objecto hoje se póde alcançar.

É actualmente indubitavel que no anno de 1474 havia já em Valença de Hespanha uma typographia, porque desse anno temos o livro *Obres o Trobes de S. Maria*, impresso naquella cidade. Ha quem diga que ella existia em Palencia desde 1470, em que, segundo Nicolau Antonio, se imprimiu a Historia de Arevalo: porém esta edição desconhecida é regeitada como supposta, até pelos criticos Hespanhoes.

Mas foi Valença, por ventura, a primeira cidade da Peninsula que possuiu uma imprensa? — A nossa Leiria lhe disputa a primazia. Vejamos em que esta pretensão é fundada.

Pedro Affonso de Vasconcellos, que viveu nos fins do seculo 16.º, affirma, no livro *Harmonia das Rubricas*, que havia tradição, auctorizada com o parecer do nosso celebre Pedro Nunes, de que Leiria fôra a primeira cidade das Hespanhas que tivera uma typographia. Este fundamento tradicional não nos parece de grande pezo, desacompanhado, como vem, de outras provas. As pretensões de Harlem sobre a invenção da arte eram tambem fundadas n'uma tradição igual, seguida por homens notaveis, e até fortificada por testemunhos de contemporaneos: entretanto hoje os bibliographos regeitam quasi unanimemente essas pretensões, para attribuirem a Moguncia a gloria da invenção da typographia.

Ha com tudo um documento cuja existencia, se ainda se podesse verificar, serviria, se não para provar que Leiria tivera a primeira imprensa das Hespanhas, ao menos para nos certificar de que o seu estabelecimento no nosso paiz fôra mais antigo do que vulgarmente se crê. Fallámos da celebre edição em 4.º das obras do infante D. Pedro.

Foi o conde da Ericeira D. Luiz de Menezes o primeiro que fallou deste livro, n'uma sessão da Academia de Historia. A obra não tinha data, e só na subscrição (no fim do livro) se dizia que *se imprimira seis annos depois que em Basilea fôra achada a famosa arte de imprimissão*. De outro exemplar da mesma obra falla o academico Soares da Silva; com a differença porém de dizer que fôra impressa nove annos depois da invenção da typographia.

Se esta edição tivesse com effeito existido, a imprensa portugueza remontaria aos annos de 1464 ou 1465, concedendo que os impressores, quando dataram o livro, se enganaram pelo que toca ao logar do nascimento da arte.

O nosso eruditissimo Antonio Ribeiro dos Santos em uma memoria que escreveu sobre a introdução da typographia em Portugal, trabalhou por sustentar a genuinidade desta edição das obras do infante D. Pedro. Elle conhecia quão duro era de crer nella: mas não seria possivel a outro qualquer escriptor defender melhor uma causa que nos parece bem pouco defensavel.

Com effeito não nos deve fazer desconfiar, e muito, a differença de annos que se lê na subscrição dos dois exemplares da mesma obra? — Não repugna o supôr que houvesse duas edições, conservando-se unicamente um exemplar de cada uma para virem ambos a apparecer passados mais de 250 annos, não havendo até ahi vestigios de nenhum delles? — Não é quasi impossivel que tendo-se impresso aquelle livro em vulgar por 1464 não appareça outra producção de prelos portuguezes senão em 1489, e que essa producção (a mais antiga que conhecemos) seja um livro hebraico? — A typographia que em toda a parte, apenas estabelecida, prosperou, cresceu, e rapidamente se derramou, só em Portugal, depois de imprimir um livro, morreu, para ressuscitar passado o largo periodo de 23 annos? — Estas razões bastam para abalar a nossa crença na existencia de semelhante edição: e se a estreiteza deste artigo o permittisse poderiamos produzir muitas outras, com que talvez a derrubassemos inteiramente.

Com tudo uma difficuldade resta; e vem a ser o caracter respeitavel dos dois academicos, que disseram terem visto o livro: mas esta difficuldade facilmente se desvanece. Das obras do infante existe uma edição sem data nem logar de impressão, mas que se crê impressa por 1478, edição em folio, cujo editor foi o Hespanhol d'Urrea. Podia ter acontecido que alguém pozesse em dois exemplares aquellas datas contradictorias; e sendo a letra *assentada* do 15.º seculo semelhante á da typographia (porque os caracteres desta não eram senão a imitação da escriptura) facilmente se enganariam aquelles dois litteratos, tomando por impressas as subscrições que leram. Isto é tanto mais provavel, quanto é certo que a paleographia, como arte, estava nos seus começos, e ainda em Portugal era talvez desconhecida.

Nem faça embaraço a diversidade de formatos, para crermos que a edição, que viu o conde da Ericeira, e que diz ser em quarto, fosse a de folio publicada por D'Urrea: os folios do 15.º seculo eram em geral mais pequenos do que os quartos que em Portugal se imprimiam no tempo do conde, e dahi proviria por ventura o erro. Entretanto creia cada um o que quizer, que nós assentaremos as origens da nossa typographia nos monumentos que actualmente existem.

Os Judeus parecem terem sido os primeiros que em Portugal introduziram a arte de imprimir. Dizem que as Communas (1) de Lisboa e Leiria mandaram

(1) O que eram as Communas veja-se no N.º 3 do Panorama.

vir de Italia typographos da sua nação. No anno de 1482 impressas hebraicas estavam estabelecidas em Soncino, e pouco depois em Napoles. Foi dahi que provavelmente veio Rabban Eliezer e Rab Tzorba, que em 1489 imprimiram em Lisboa o Pentateucho Hebraico. Depois desta epocha as edições dos livros na lingua sancta se multiplicaram em Portugal até a expulsão dos Judeus, em que inteiramente cessaram.

Foi por 1490 que a typographia começou a ser exercida entre nós por impressores christãos. Vieram os primeiros de Allemanha ou de Italia, e o livro mais antigo que delles possuímos, é o Breviario Ebo-rensense, em latim, impresso em Lisboa no anno de 1490. Em 94 já a typographia de João Gherlinc estava estabelecida em Braga, onde se imprimiu naquella anno o Breviario Brachareuse.

Em Leiria parece não ter exercido senão a typographia hebraica, cujo primeiro monumento naquella cidade é a edição dos *Prophetas primeiros* em 1494. Verdade é que no anno immediato se publicou ahi o celebre livro em latim *Almanach perpetuo dos movimentos celestes*, impresso pelo mestre Ortas: mas ha vehementes suspeitas de que este era um typographo hebreu, e taes suspeitas se tornarão quasi em certeza, se nos lembrarmos de que o auctor da obra era o Judeu Abrahão Zacuto, astronomo d'elrei D. Manoel, e de que nenhuns vestigios typographicos apparecem mais naquella cidade desde a expulsão dos Judeus.

É no anno de 1495 que podemos com certeza as-

sentar o começo da imprensa portugueza, porque é neste anno que se estampou o primeiro livro em vulgar, com data, dos que chegaram até os nossos dias. Fallamos da traducção portugueza do famoso livro de Ludolfo de Saxonia, intitulado = *Vita-Christi* = vertido do latim em linguagem por Fr. Bernardo de Alcobaca.

Esta obra que se compõe de quatro volumes de folio, é uma das maravilhas typographicas do seculo 15.º: o papel é excellente, o typo limpo e formoso: as tarjas do principio e fim assaz delicadas, attenta a rudeza dos tempos: o texto soffrivelmente correcto. Foi a edição encarregada por D. João 2.º, que a mandou fazer, aos mestres Nicolau de Saxonia, e Valentim de Moravia, dos quaes o primeiro tinha impresso por si só o Breviario Ebo-rensense; e parece que se uniu ao segundo unicamente para trabalharem nesta obra magnifica, porque logo depois os achamos imprimindo separadamente, Nicolau de Saxonia até 1498, e Valentim de Moravia ainda nos primeiros annos do seculo 16.º

A este impressor devemos a publicação da *Estoria do mui nobre Vespasiano, emperador de Roma*, talvez o mais curioso monumento da arte typographica em Portugal nos fins do seculo 15.º Das estampas e caracteres deste livro (que parece ser impresso com os mesmos typos da *Vita-Christi*) damos um fac-simile, e por elle se verá a que ponto subiu logo em nosso paiz não só a typographia, mas até a gravura em madeira, hoje restaurada na Europa por beneficio dos jornaes populares.

### Como folgou o emperador com a vinda de seu mestre alla. Capitulo. ix.



FAC-SIMILE TIRADO DA HISTORIA DE VESPASIANO.

A Historia de Vespasiano consta de vinte e nove capitulos, nos quaes se tractam varios feitos daquelle imperador e de seu filho Tito, e outros que dizem respeito ao christianismo, e á morte de Archeláu e de Pilatos: as estampas que são allusivas ao texto acham-se ao principio de cada capitulo; mas, talvez para poupar despeza, repetidas as mesmas de espaço a espaço. Fez a obra por uma subscrição em que se diz ser impressa por Valentim de Moravia, em Lisboa, no anno de 1496. O unico exemplar conhecido que della resta é o que existe na Bibliotheca Publica de Lisboa.

De outras obras portuguezas impressas no 15.º seculo restam varias memorias; mas assaz incertas pela

raridade dellas. Taes são a *Imitação de Christo* por Kempis, impressa em Leiria, e que talvez era a traducção de Fr. João Alvares; o *Itinerario do Conde D. Pedro*; e a *Historia de Isea*, cujo unico exemplar conhecido era o que existia na livraria do visconde de Balsemão, e que desapareceu durante o ultimo assedio da cidade do Porto.

Depois da impressão da *Vita-Christi*, Nicolau de Saxonia se limitou a imprimir livros de Liturgia em latim, como o Breviario Compostellano de 1497, o Missal Bracharensense de 1496 e 98, e o Breviario Bracharensense tambem deste ultimo anno: daqui em diante nada mais sabemos de Nicolau de Saxonia.

Já vemos quão pouco se imprimiu em Portugal no 15.º seculo: esses mesmos livros que saíram dos nossos prelos são hoje rarissimos; uns por se haverem tirado delles mui poucos exemplares, outros pelo grande consumo que tiveram. A *Vita-Christi*, por exemplo, era levada, segundo o testemunho de Barros, para as missões d'Africa e d'Asia, onde se perderam grande numero de exemplares: o mesmo aconteceu com a *Imitação de Christo*. E por ventura que se houvera ultimamente a curiosidade de examinar os espolios dos conventos extinctos das nossas colonias da Africa e da India, alguns exemplares ali se encontrariam dos monumentos primitivos da typographia portugueza.

Resta-nos fallar dos caracteres extrinsecos das nossas primeiras edições: estes eram os mesmos que notámos na primeira parte deste artigo ácerca das edições estrangeiras. O typo commun era o gothico moderno que se conservou até áquem do meado do seculo 16.º; mas em geral bello e como o melhor das typographias de fóra. O papel era de varias qualidades, todo elle encorpado e mais ou menos branco: pelas marcas e outros signaes parece que vinha de Italia. Tambem se tiravam exemplares em pergaminho, como se vê do 1.º volume da *Vita-Christi* de S. Francisco da Cidade.

Os ornatos, posto que longe da perfeição moderna, são muitas vezes superiores aos que pelo mesmo tempo appareciam por livros impressos n'outros paizes; e não receamos de dizer que difficulosamente se achará em obra estrangeira estampada no seculo 15.º uma gravura, como a que damos reproduzida neste artigo.

Se nos primeiros tempos da invenção da typographia, esta não se dilatou muito no nosso paiz, logo no seguinte seculo, seculo de civilização, de gloria, e de grandeza, se derramou e cresceu quasi por todos os angulos do reino. Valentim de Moravia publicou em 1500 as obras de Cataldo Siculo, professor italiano, que, despresado no seu paiz, veio ensinar rhetorica em Portugal. Desta edição rarissima ha um exemplar, falto de algumas folhas, na Bibliotheca do Porto (2). Este impressor tomou o nome de Valentim Fernandes Mourão ou Moravo, e dos seus prelos é ainda o *Catecismo* do bispo Ortiz, impresso em 1504. Desde 1500 até este anno publicou elle a *Glosa sobre as coplas de Jorge Manrique* (1501), e as suas duas traducções da Viagem de Marco Paulo e da de Nicolau Conti (1502), dedicada a elrei D. Manoel.

Já por 1501 havia em Lisboa outra typographia, a do Italiano João Pedro Bonhomini, que nesse anno publicou o *Thesaurus Pauperum* de parceria com Valentim Fernandes, de quem parece depois se separou; porque até 1526 imprimiu varias obras, sómente com o seu nome.

A typographia brevemente se foi estabelecendo em diversas cidades e villas de Portugal. Em Setubal se estamparam no anno de 1509 *Os Estatutos da Ordem de Sanctiago*, e o *Confessional* de Garcia de Resende. Em 1512 saíu em Évora a 1.ª edição do *Itinerario* de Fr. Pantaleão d'Aveiro. Em Almeirim se começou a imprimir pelos fins de 1514 o Cancioneiro de Resende, que depois saíu em Lisboa; e alli se publicaram em 1516 os Estatutos da Ordem de Aviz. João de Barreira começou a imprimir em Coimbra em 1519, publicando nesse anno o *Reportorio dos Tempos*. Salsete na India tinha já uma imprensa em 1532, e ahi se estampou a *Explicação da Doutrina Christã*, composta em lingua bramana pelo padre Diogo Ribeiro.

(2) E' assaz curioso este volume por uma carta de Cataldo a um Judeu, pretendendo provar-lhe que debalde esperavam elles o Messias: 1.º porque o povo os perseguia: 2.º porque *deitavam de si máu cheiro*.

Em Braga, onde já no 15.º seculo se imprimira o Breviario Bracharense, tornaram a apparecer prelos em 1519 e 1532, dos quaes saíu um *Reportorio*, e a Grammatica Latina de Clenardo. Vasco Dias Tanco de Frexenal estabeleceu uma officina no Porto, onde em 1440 deu ao publico o doutor João de Barros o livro que intitulou *Espelho de Casados*. Estas foram as povoações de Portugal mais notaveis por estabelecimentos typographicos.

Por este tempo, isto é, por toda a primeira metade do seculo 16.º as impressas se multiplicavam em Lisboa com grande rapidez. Uma das mais notaveis foi a de Germão Galharde, que floresceu desde 1536 até 1565: desta typographia saíram muitas obras de nome, e entre ellas as duas primeiras decadas de Barros (1552 — 3). Luiz Rodrigues, que imprimiu desde 1539 até 1549, foi um dos que mais contribuíram para o progresso da arte em Portugal, e na sua officina se estampou em 1540 a *Informação do Preste João*, pelo padre Francisco Alvares, que para a edição do seu livro trouxe de Paris os mais formosos typos que lá pôde encontrar. João de Barreira é um dos mais conhecidos typographos portuguezes do seculo 16.º, e por ventura o mais opulento. De sociedade com João Alvares imprimia em Braga, Coimbra, e Lisboa, e dos seus prelos nestas differentes cidades saíram obras de grande preço. Em fim, ainda neste seculo começou a typographia de Pedro Craesbeeck (1590—1600), a mais afamada do seculo seguinte, e que durou naquella familia até muito depois de 1700.

Abster-nos-hemos aqui de enumerar as divisas dos nossos impressores, porque isso seria demasiado longo para este logar, e pediria fac-similes para bem se poder entender. Só diremos, quanto ao papel de impressão, que no seculo 16.º elle era mais alvo do que no 15.º, porém menos encorpado, e que nesta epocha ainda se tiravam exemplares em pergaminho de algumas obras. Tal é um da *Chronica do Condestavel* de 1526, impressa por Germão Galharde.

## METEOROLOGIA.

### 2.º

#### DOS FOCOS, OU LUMES FÁTUOS.

APPARECEM frequentemente, na altura de poucos palmos acima da terra, umas pequenas chamas, ou fogachos, leves, e mui brilhantes, que em todo o tempo serviram, e ainda hoje servem, de texto a infinitos contos vulgares nas povoações onde a instrução não tem podido desarreigar as idéas, e crenças supersticiosas. Como estes luzeiros em geral se observam nos sitios pantanosos, nos campos de batalha, e nos terrenos dos cemiterios, onde se dissolvem os cadaveres por via da putrefacção, o povo credulo e ignorante pensa, ao aspecto destes phenomenos, que são as almas dos mortos, que se evadem das sepulturas para virem visitar os vivos. Aquelles *lumes fátuos*, como se lhes chama, não sendo especificamente mais peza-dos que a columna d'ar, que os sustenta, giram para uma e outra parte conforme o impulso do ar: por isso, quando se chegam para os agarrar, se arredam, e parece fugirem; ao contrario, se correm adiante delles, vão arrastados pela corrente d'ar, e parece perseguir a pessoa, que vai escapando. Destas diversas circumstancias o vulgo tirou por consequencia que as almas do outro mundo fazem estes signaes e fósquinhos aos vivos para as seguirem, e áquelles que caem na parvoice de acceitar o convite, ou que são em demasia curiosos, dão com elles em despenhadeiros,

barrancos, ou lagôas; e que então, regaladas com o bom exito de sua malicia, testemunham ás gargalhadas o seu regozijo: muitos ha que asseveram te-las ouvido. Que tal era o medo! Quando não são almas do outro mundo são bruxas, que acodem aos conciliabulos nocturnos, e ou meramente por maleficas, ou por se descartarem d'importunas testemunhas pregam as mesmas graças. Em fim as pobres exhalções dos sitios humidos soffrem por esses campos todos estes aleives. Mas ponhamos de parte estas patranhas, e tractemos seriamente da indagação do phenomeno.

Os lumes, ou fogos fátuos tomam muitas vezes a fórma de bolinhas; outras fazem o effeito de uma chamma de véla, o que é mais frequente. Tambem tem apparecido de figura cylindrica com dimensões que não são constantes. A luz parece geralmente ao longe muito viva, mas é sempre de um clarão pálido; e de raro se vê avermelhada. Ora são inteiramente innocentes, ora seriam capazes de occasionar inflammação, e incendio, se pegassem em corpos bastante combustiveis. A pluralidade destes phenomenos são instantaneos, mas muito successivos nas paragens em que abundam as materias phosphorecentes, que as geram. Ás vezes, no momento de fenecer, soltam um tenue estalido, e dividem-se em duas ou tres faiscas, que se apagam promptamente; tambem succede deixarem um rasto de fumo, que se dissipa logo. É provavel que existam fogos fátuos em todas as estações, tanto de noite como de dia; todavia sómente se observam durante o tempo dos calores, e nunca são visiveis senão depois do pôr do sol.

Afóra os logares, que já mencionámos, os arredores dos volcões, das minas d'enxofre, e de diversos metaes, são muito sujeitos a estes meteóros. Nas vastas planicies da Ethiopia, na Africa, brilham em toda a noite como estrellas espalhadas pela superficie da terra. Na Palestina, na Asia, identicos phenomenos cobrem dilatadas campinas, a pontos de cercarem as caravanas com uma luz desmaiada, mas innoxia, cujo contacto não é perigoso. Os campos da Italia são theatro de semelhantes meteóros, e as visinhanças das cidades da India Oriental, nos cemiterios dos Gentes. Em o nosso paiz não são tão multiplicados: mas ha quanto basta para authorisar entre os crédulos a existencia das bruxas.

Analogos a estes fogos ha outros metallicos, em as minas, e com particularidades curiosas: ora parecem chammass, ora fagulhas, ora molhos de raios divergentes, e seguem á superficie da terra a direcção das betas, ou veios metallicos, que correm por baixo, e até dão a suspeitar a sua existencia. Com effeito, Depping diz que onde giram estas luzes se póde julgar que existem betas de substancia metallica, ou mineraes que despedem vapores inflammaveis. Algumas vezes formam um espectáculo formoso de globos, de repuxos, de paveas de luz, ou a apparencia d'um vasto incendio; outras vezes são candêlhas errantes, que de longe parecem levadas por gente. Finalmente segundo a especie de metaes das minas, assim são as côres das exhalções: em muitas minas de chumbo são azuladas, nas de cobre dos Vosges são esverdeadas; n'algumas de prata alvacentas; porém nenhuma tão vivas como as que volteiam por cima das minas de betume; estas são avermelhadas, e sobem mais alto que todas. O Steingraben, montanha de Alsacia, n'algumas occasiões parece estar em braza, porque é toda composta de minas de cobre bituminosas.

Se considerarmos nas circumstancias de localidade, e na variedade de effeitos deste phenomeno, ser-nos ha facil assignar-lhe as causas, e comprehenderemos que as materias, que servem de principio, ou de ali-

mento aos fogos fátuos não são de uma natureza unica, e constante. A base destes meteóros é geralmente o gaz hydrogeneo combinado, ou com as emanações phosphorescentes, que emergem dos terrenos onde algumas substancias animaes e vegetaes estão em putrefacção, ou com gazes nitrosos ou sulphureos, que se exhalam commummente nas visinhanças dos volcões. Além disto estas exhalções volcanicas podem ser facilmente transportadas pelos ventos a distancias consideraveis do lugar de sua origem; então combinando-se com o gaz hydrogeneo phosphoretado (que se inflamma ao contacto simples do ar, como póde certificar o effeito dos fuzis phosphoricos), estas emanações produzem frocos igneos de diversas cores: a luz é pálida, ou esbranquiçada, se predomina o gaz hydrogenio, porque tal é, como se sabe, o esplendor deste gaz; pelo contrario é azulada, quando abundam as particulas sulphureas, &c.

Os campos de Bolonha, na Italia, em todas as estações do anno, são allumiados por estes lumes durante as noites escuras: nota-se que são mais frequentes no inverno, circumstancia esta singular, de que se segue que alli serão mais depressa oriundos das exhalções dos volcões pequenos dos montes proximos áquella cidade, do que das que se evaporam da terra. É com effeito, pela sua fórma em compridos cylindros inflammados, pela côr ora azul, ora vermelha, se collige que não tem por principio as mesmas substancias das pequenas chammass leves e descoradas, que giram pelos terrenos humidos e apaúlados.

É tambem indubitavel que a electricidade, fluido de tamanha energia, e que se acha disperso por toda a natureza, contribue poderosamente para a formação deste phenomeno; e della provém os estalidos, que alguns produzem.

Posto que alguns exemplos se citam de fogos desta natureza, que incendeiam, os fogos fátuos propriamente ditos não manifestam calor algum ao tacto: geralmente são uma materia luminosa, espessa, e viscosa, que deixa nas mãos uma humidade pegajosa. Este residuo, rapidamente esfregado, exhala um leve cheiro de enxofre.

É mui difficil agarra-los, porque á proporção que uma pessoa se chega, imprime no ar um impulso, que obriga o meteóro a affastar-se; porém basta dirigir a corrente do ar para outra pessoa immovel, para qualquer mouta, para um monte de palha, ou mesmo d'encontro a uma arvore, ou muralha, &c. É bom sempre conhecer o terreno onde se faz a experiencia, porque póde ser na visinhança de algum charco, ou precipicio, onde o ar, condensando-se pela fresquidão, que provém desses sitios, se aggrega em maior quantidade, e attrahe os fogos fátuos. Ahi apagam-se subitamente suffocados pela abundancia dos vapores humidos, que os cercam; pelo que o observador desprevenido, e ávido de alcançar o meteóro, póde não dar fé do precipicio, e arrojarse nelle imprudentemente, comprovando nos animos crédulos a crença commum, e as historias de bruxas.

Comprehendidas bem as causas productoras destes phenomenos, servirão de fundamento á explicação de outros, de que fallaremos em artigos subsequentes.

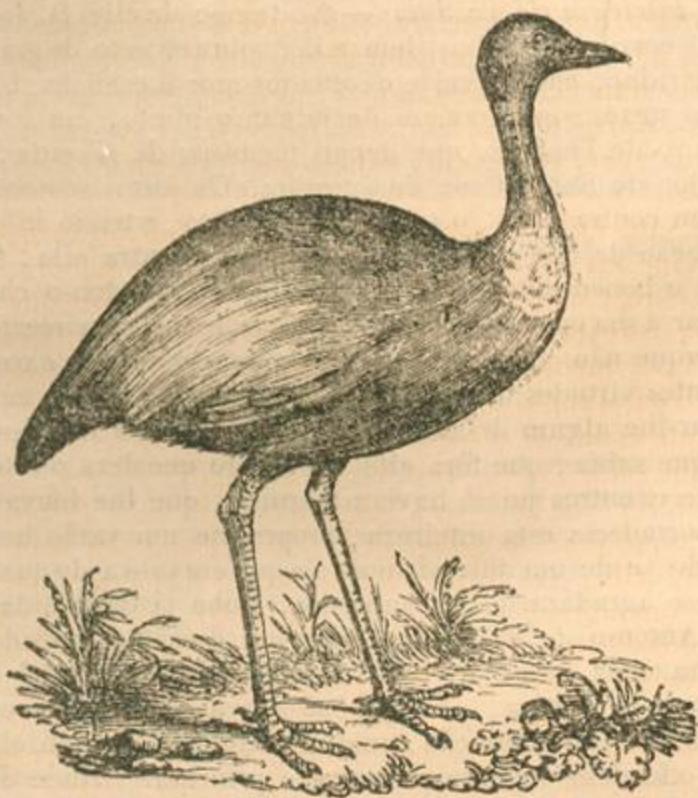
#### SINGULAR DESCOBERTA DE UM THEOURO.

O FACTO seguinte lê-se no *Collectanea Cl. Castellani*. Na estrada real da Apulha, reino de Napoles, estava uma estatua de marmore, com esta inscripção em dialecto napolitano: = *No primeiro dia de Maio, ao nascer do sol, eu terei umi cabeça de ouro.* = Por duzentos annos esteve erecta a estatua sem ninguem

decifrar o sentido destas palavras mysteriosas. Um estrangeiro (Sarraceno, diz Castellani) passando por alli, leu a inscripção, e capacitou-se de a ter interpretado, mas a ninguem communicou a sua suspeita. Como era já passado o primeiro de Maio daquelle anno, continuou seu caminho; mas no anno seguinte voltou ao sitio pontualmente no ultimo de Abril. No dia immediato, antes do nascer do sol, collocou-se ao pé da estatua, e observando com attenção onde caía a sombra da cabeça da estatua, no momento exacto em que o sol surgiu no horisonte, mandou ahi fazer excavações, e achou immensos thesouros.

#### A CORÔA REAL DE BOHEMIA.

PERTENCEU esta corôa a Carlos 4.º, e é preciosa. É toda de ouro, com as seguintes pedras engastadas: 19 rubis, 29 rubis-balais, 25 esmeraldas, 21 saphiras, e 20 perolas: todas estas joias são de notavel grandeza. A corôa remata com uma cruz de saphira. Carlos 4.º, imperador e rei de Bohemia, ordenou por carta regia que todos os seus successores fossem, na sua exaltação ao throno, coroados na cidade de Praga, capital do reino; que se conservasse alli a corôa imperial; que apenas finda a cerimonia da coroação, o rei pessoalmente entregasse a corôa a tres dignidades da cathedral, que são o deão, o conservador, e o sacristão; que estes prestassem juramento solemne de a guardar: finalmente que ninguem fosse provido em qualquer daquelles tres cargos não sendo sacerdote natural dos estados de Bohemia. O actual imperador, Fernando, que succedeu a seu pai em Março de 1835, foi coroado a 9 de Setembro, anniversario da coroação de Carlos 4.º.



**O TROMBETEIRO, OU AGAMI DE CAYANNA.**

(*Psophia crepitans*. LIN.)

NEM só entre os animaes quadrupedes acha o homem amigos, como o cão, tambem nas tribus aladas os encontra, porém nenhum tão affeiçoado como o agami, ou trombeteiro. Esta ave de grande instincto, e de muita tendencia para a sociedade humana, é natural da America do Sul, e particularmente da Cayanna, onde habita nos bosques dos cerros, e outras paragens elevadas. Enganaram-se os que a suppozeram aquati-

ca por causa da côr esverdinhada dos pés, e outras semelhanças com aquella familia. Tambem se parece com os phaisões em uma placa de furta-côr, que tem no peito, e no circulo dos olhos desguarnecido de penas: mas só nisto. A plumagem é negrejante: as penas do urupigio são longas e cinzentas: a cabeça e pescoço só tem uma pennugem curta e macia. Não chega a ter tres palmos de comprimento, e faz o vulto de um grande gallo; parece com tudo maior por causa do comprimento do pescoço, e da altura das pernas. Cuvier a poz entre as ribeirinhas de bico curto e grosso.

A mais singular propriedade destas aves consiste na faculdade de emittirem um som baixo e profundo, que muitos pensaram sair do anus, porque não as viam abrir os bicos na occasião de produzirem o som. Convém porém observar que é preocupação erer que os sons emittidos por qualquer animal tenham de passar forçosamente ou pela goela, ou pelo anus; porque ainda que em geral o ar seja o vehiculo do som, com tudo estamos todos os dias a ouvir, no roncar dos intestinos, sons que nem passam pela boca, nem pelo anus, e não obstante isso são mui perceptíveis. Vemos tambem os pombos arrulharem sem abrir o bico. Em razão daquelle estrepito ou sussurro, chamaram ao agami *crepitante*, e os Hespanhoes o denominam *trompetero*.

Quando bravios, os agamis habitam as grandes florestas dos climas quentes da America, e não se chegam ás paragens descobertas, e ainda menos ás habitadas. São arrebanhadiços e procuram as terras altas; caminham e correm mais do que vôam, e são tão rapidos na carreira quanto pesados no vôo: erguem-se a pequena altura do chão, e pousam nos troncos rasteiros. Sustentam-se das fructas do matto. Escavam a terra ao pé de arvores altas, e fazem praça para pôr, porque não constroem ninho. Os ovos são quasi esphericos, maiores que os de gallinha, de côr esverdeada, e em numero de dez a dezeseis.

Estas aves não sómente se domesticam facilmente, mas até ganham affeição a quem as cria, e com tanto zelo e fidelidade como o cão. Um agami criado em casa anda adiante do dono, sáe-lhe ao encontro quando o vê vir de fóra, faz-lhe festa a seu modo com demonstrações nada equivocadas de alegria: conhece, e sabe avaliar tão bem as offensas como os beneficios, e repelle indignado os que o maltractam: tem particular aversão a mendigos esfarrapados, e os expulsa de casa ás bicadas nas pernas: manifesta repugnancia a certas pessoas, a qual sempre procede da figura desagradavel, ou máu cheiro dos individuos, e os tracta do mesmo modo que aos rotos. Acode ao chamado do dono, e de todas as pessoas, a quem conhece e não detesta. Gosta de que lhe façam festa, e offerece a cabeça e pescoço para lhe coçarem: e quando alguém o costuma a estes affagos, vem a ser importuno. Corre ao ver pôr a mesa, e começa a deitar fóra todos os gatos e cães, antes que peça a comida: é confiado e corajoso, e não foge; ás vezes trava-se combate entre elle e algum cão, que em sendo de mediocre tamanho é obrigado a ceder-lhe, porque elle evita muito bem as dentadas saltando, e caíndo depois em cima do adversario, procurando espicaçar-lhe os olhos.

No estado da domesticidade sustentam-se como as gallinhas e perús; comem tambem carne e pão, e gostam muito de vermes e de peixes pequeninos. Os habitantes de Cayanna tem muitos, que andam pelas ruas, e acompanham muitas vezes as pessoas, que transitam: são attreitos a darem seus passeios, mas tornam regularmente a casa dos donos. Já tem havido curiosos que os tem emmestrado em guardar e conduzir rebanhos de ovelhas.

A carne, sobre tudo a dos novos, não tem ruim gosto, porém é secca, e dura. As pennas da brilhante placa de furta-cores são lindas, e empregam-se em plumas, e enfeites

Recopilando o que temos dito, resulta que o agami, ou trombeteiro, é de todas as aves a que tem mais instincto, e mais tendencia para a sociedade do homem; e a este respeito parece tão superior ás outras aves quanto o é o cão aos outros quadrupedes. Seria util multiplicar esta especie, aclimata-la nos paizes temperados da Europa, e aperfeiçoar-lhe as facultades, e o instincto.

É certo que nada demonstra mais efficazmente a distancia immensa, que vai do homem selvagem ao homem social, do que as conquistas deste no reino animal. O homem civilisado tomou o cão para seu auxiliar e companheiro; serviu-se do cavallo, do boi, do camello, do elephante, &c. Ajuntou ao redor de sua habitação as gallinhas, os patos, os perús; deu alojamento aos pombos, &c. O selvagem despresou tudo, ou para melhor dizer, nada emprehendeu neste ponto para sua utilidade, ou para diminuir a intensidade de suas precisões. Tão verdade é que o sentimento das commodidades, e até o instincto da propria conservação, mais procede da sociedade que da natureza, mais das idéas moraes que das sensações physicas.

No anno de 1562, pondo os Mouros apertado cerco á praça de Mazagão, era de ver o honrado alvoroço, com que muitos fidalgos, e cavalleiros portuguezes se offereciam, e apromptavam, como á porfia, para ir defender aquella fortaleza. A rainha D. Catharina, que então tinha a regencia do reino por elrei D. Sebastião, seu neto, ainda menino, avaliando com o seu grande juizo esta prova de lealdade, não faltava da sua parte a animar e recompensar vassallos tão fieis; e quando tinha noticia de haver algum sido morto nos combates e assaltos, mandava consolar seus pais ou parentes, que com isto se davam por bem pagos de seus serviços, e quasi indennisados de suas perdas. Succedeu então que a rainha mandasse um destes comprimimentos a Isabel de Avellar, cujo filho, Jorge Nunes de Leão, tinha sido morto em um dos assaltos da praça. Isabel de Avellar respondeu com varonil constancia: *«que já quatro filhos seus tinham perdido a vida nas guerras da India, e agora este que ella muito amava, mas que ainda lhe ficava outro, unica consolção sua, e que o estava fazendo prestes para o mandar a Mazagão em serviço de Deus e d'elrei.»* A rainha como tão prudente e virtuosa, não consentiu neste ultimo sacrificio da honrada matrona: e indo logo um fidalgo mui valido pedir-lhe a mercê de certa propriedade da corôa, que vagára pela morte de Jorge Nunes, respondeu *«que Jorge Nunes ainda não era morto, nem o seria jámais na lembrança dos reis de Portugal»* e com isto recusou a mercê que se pertendia. O filho, que ainda ficava a Isabel de Avellar, era Duarte Nunes de Leão, bem conhecido entre nós por seus escriptos. Se o procedimento de Isabel de Avellar a faz igual ás virtuosas matronas de Lacedemonia, não é menos digna de admiração e louvor a maternal bondade, com que a rainha attendia aos serviços de seus vassallos, e os honrava, e favorecia.

Pretendendo Mahomet fazer o ultimo esforço para firmar o seu duplicado poder, legislativo e religioso, offereceu a um dos seus partidarios riquezas immensas, com promessas de repartir com elle o poder, mas debaixo da condição de consentir que o mettesse u'uma

profunda cisterna, donde em occasião opportuna, e convencionada, bradasse ao povo: Deus é Deus, e Mafoma o seu propheta. — Assentiu o parvo ambicioso, e desempenhou a commissão. A impostura maravilhou o povo, que se prostrou aos pés de Mafoma; e o honrado propheta clamou logo sem hesitar: — *«A voz de Deus nos fallou, fechemos para sempre o sanctuario da sua palavra.»* — E dentro em poucos minutos a cisterna ficou entulhada de pedras; e o segredo sepultado com o confidente.

*O Ministro Justicciro.* — Em tempo de elrei D. Sebastião, governando por elle sua avó a rainha D. Catharina, e sendo ministro D. Gil Eannes da Costa, aconteceu que viesse á presença do ministro um neto do grande Duarte Pacheco Pereira, com tantas mostras de pobreza e indigencia, que o excellente varão, entrado de lastima, e magoado de vêr que assim vivia quem tinha por avó um homem de tão raro merito, se foi á rainha, e depois de lhe tomar palavra de que lhe não negaria a mercê que ia pedir-lhe, disse: *«Não saiba o mundo, Senhora, que o neto da verdadeira honra e gloria de Portugal é tractado de tal modo em tempo que Vossa Alteza governa este reino. Uma commenda, que está dada a meu filho, a Vossa Alteza peço, que a dê a este homem.»* A rainha respondeu, que o neto de Pacheco teria uma commenda, e que o filho do ministro ficaria com a sua, mas o ministro replicou: *«Meu filho, Senhora, póde esperar, porque tem que comer, e este homem não. Vossa Alteza me prometteu fazer-me a graça que eu lhe pedisse: esta lhe peço.»* A rainha lh'o concedeu assim. Oh rara virtude! — Oh exemplo sem segundo!

*Inteireza de um Juiz.* — No tempo de elrei D. João 2.º corria em Lisboa demanda, sobre objecto de grande valor, entre elrei e o contador-mór da cidade. Um dos juizes, que haviam de julgar o pleito, era o vigario de Thomar, que depois foi bispo da Guarda, e prior de Santa-Cruz de Coimbra. Os juizes sentecearam contra elrei, o qual sabendo isto, e tendo informação de que o primeiro, que votára contra elle, fôra o benemerito vigario de Thomar, mandou-o chamar á sua presença. Veio elle, não sem algum receio; porque não conhecia bem a grande alma, e as excellentes virtudes do principe. Este porém, longe de mostrar-lhe algum desabrimto, pelo contrario lhe disse: *«que sabia, que fôra elle o primeiro que dera o voto, que os outros juizes haviam seguido: que lhe louvava e agradecia esta inteireza, propria de um varão honrado, e de um juiz virtuoso: e que em prova do quanto se agradára do seu proceder, tinha já dado ordem a Antonio de Faria, para lhe dar duzentos cruzados para suas despezas.»* Assim prezava D. João 2.º os actos de justiça, e assim mostrava quanto lhe era odiosa a vil adulação, maiormente quando com ella se offendesse aquella primeira e principal virtude dos grandes reis.

*Acha-se á venda nas Lojas do costume o 1.º e 2.º N.º do PANORAMA, ultimamente reimpresso.*

Escritorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.